

# Relações sociais e desenvolvimento da consciência<sup>1</sup>

*Achilles Delari Junior*<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Relações sociais; consciência; desenvolvimento; Vigotski (1896-1934).

---

**Conteúdos:** (1) Sobre as categorias metodológicas gerais; (2) Sobre as relações de determinação da consciência pela existência social – marco filosófico geral; (3) Sobre as relações de determinação da consciência pela existência social – marco psicológico inicial; (4) Sobre as relações de determinação da consciência pela existência social – desdobramentos do marco psicológico; (5) Explicitando algo da orientação teleológica dos estudos; (6) Referências bibliográficas.

---

## 1 Sobre as categorias metodológicas gerais

A temática “Relações sociais e desenvolvimento da consciência” envolve algumas das categorias metodológicas e teóricas centrais da psicologia, desde as suas elaborações de base por parte de L. S. Vigotski, na URSS. Tais como: (1) a consciência – tomada como objeto de estudo (objeto de análise) da psicologia como ciência; (2) as relações sociais – tomadas como princípio explicativo, ou seja, como realidade material determinante, para a consciência como objeto da ciência; (3) o desenvolvimento – tomado como processo de gênese histórica, pelo qual a ciência aborda as relações de determinação entre seu objeto de estudo (objeto de análise) e o princípio explicativo que o determina; e (4) o significado da palavra – não está no título do grupo, mas é uma quarta categoria metodológica importante, para compor o estudo científico do

---

<sup>1</sup> Esse breve material foi produzido como parte de uma apresentação da proposta de estudos para o coletivo ampliado “Relações sociais e desenvolvimento da consciência - grupo de estudos em psicologia histórico-cultural” (GEPHC.BR Interestadual – Brasil 2020), realizada em) 03 de julho de 2020. O momento do texto com apontamentos (pontos de pauta) de caráter organizativo não foi reproduzido aqui. Para referência: Delari Jr., A. (2020) **Relações sociais e desenvolvimento da consciência**. Umuarama-PR: “Estação MIR” Arquivos digitais. Disponível em: [https://vigotski.org/Delari\\_2020\\_rel-soc-cons.pdf](https://vigotski.org/Delari_2020_rel-soc-cons.pdf)

<sup>2</sup> Escrevo pela e para a organização do grupo de estudos mencionado na nota anterior.

objeto da psicologia, a partir das contribuições de Vigotski. Tal processo, próprio da realidade humana, é tomado como unidade de/para análise da consciência.

Tal unidade permite o acesso indireto à unicidade (caráter integral) da consciência. Uma vez que não é possível termos acesso direto à consciência dos demais. Isso é particularmente importante nos princípios metodológicos sistematizados por Vigotski, em função de dois grandes limites que ele destacava na psicologia do seu tempo: (a) o idealismo, pelo qual nada explicava a consciência além dela mesma; (b) o naturalismo, pelo qual a consciência não poderia ser objeto de estudo científico, já que não podemos ter experiência direta da consciência dos sujeitos da pesquisa. A argumentação de Vigotski é a de que não se faz ciência apenas daquilo de que temos experiência direta, nem mesmo na física. Ciência na qual se pode estudar o átomo, por exemplo, de modo indireto, por suas manifestações. E ainda assim se entende que é ao próprio que se estuda, “por meio de suas manifestações”, e não apenas se estuda “suas manifestações”.

Poderemos, pelos estudos, compreender que, em Vigotski, o tema do significado das palavras tem uma relação de sinonímia com o tema da “generalização da realidade mediante as palavras”. E as palavras só podem vir a existir para o ser humano mediante a relação com outras pessoas. Não é possível nascer com elas, não é possível aprendê-las com objetos do meio físico, nem com outros animais que não sejam seres humanos, já inseridos numa dada cultura, com uma língua convencional historicamente constituída, e assim por diante. Nessa direção os processos de generalização da realidade estão em íntima relação com os de comunicação entre as pessoas. O desenvolvimento da generalização da realidade mediante a palavra, por sua vez, diz respeito a todo o desenvolvimento da consciência, como “reflexo” e “refração” da realidade. Não sendo assim um processo que se trataria como objeto de estudo da linguística por exemplo, ao menos não em suas vertentes estruturalistas. Seja como for, o significado das palavras não é o objeto de estudo da psicologia. Mas “unidade de análise” que, como processo efetivo da existência social, permite estabelecer relações causais indiretas entre a mesma e a gênese da consciência, como o referido objeto de estudo. Portanto não se trata de um reducionismo do psiquismo ao campo semiótico.

## 2. Sobre as relações de determinação da consciência pela existência social — marco filosófico geral

### 2.1 *Não há consciência se não há vida.*

Para Marx e Engels em “A ideologia alemã” de 1845-1846:

“Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como do indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como sua consciência” (Marx e Engels, 1845- 46/2007, p. 94 – grifo na fonte).

Vigotski retoma, em “A consciência como problema da psicologia do comportamento” de 1925:

“(…) à luz destes pensamentos [anteriormente expostos] se explica o desenvolvimento da consciência desde o momento do nascimento, sua procedência da experiência [opit], seu caráter secundário e, portanto, sua condicionalidade [obuslovlennost’]

psicológica ao meio. A existência [*bitie*] determina a consciência [*soznanie*]: esta lei pela primeira vez aqui pode obter sentido [*smisl*] psicológico exato e por a descoberto o próprio mecanismo de tal determinação” (Vygotski, 1982/1925, p. 95; Vygotski, 1925/1991, p. 56 – tradução nossa, colchetes adicionados)

Donde temos, como “síntese provisória”, que não se pode estudar cientificamente a consciência senão em sua determinação pela existência humana real. A qual por sua vez, por se define, por princípio ontológico imprescindível, como “existência social”...

## *2.2 A consciência é sempre consciência de alguém*

Como já destacado acima por Marx e Engels em “A ideologia Alemã” de 1845-1846, temos que:

“(...) no segundo [modo de considerar as coisas], que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como sua consciência” (Idem, *ibidem*)

Quanto ao mesmo princípio, o Professor Angel Pino Sirgado (1933-2013), estudioso espanhol radicado no Brasil, também enfatizava não haver consciência com estatuto ontológico próprio. Ou seja, não se trata de uma realidade com existência própria e/ou autônoma: “a consciência é o ser humano consciente” (em com. pessoal, 1999). Na tradição dialética materialista.

## *2.3 Nos tornamos alguém necessariamente nas relações com mais alguém*

Como dizíamos, a existência que determina a consciência é uma existência social. A vida que determina a consciência é a vida social. Do contrário, apenas o fato de haver vida para qualquer espécie vegetal ou animal estabeleceria as condições de possibilidade para a emergência de um psiquismo consciente. E não é isso que constatamos. Nem pela experiência cotidiana nem, tampouco, pela investigação científica. Assim, cabe especificar filosoficamente essa problemática. O que também

podemos fazer recorrendo a Karl Marx, dessa vez em suas “Teses contra Feuerbach” de 1845. Mais especificamente, na sexta tese:

“[Feuerbach] resolve o mundo religioso na essência humana. Mas a essência humana não é o abstrato residindo no indivíduo único. Em sua efetividade é o conjunto das relações sociais” (Marx, 1845/1985, p. 52)

Premissa retomada por Vigotski em anotações suas, datadas de 1929, posteriormente e para fins editoriais intituladas “Psicologia concreta do humano”<sup>3</sup>:

“Paráfrase de Marx: a natureza psicológica da pessoa [*tchelovek*] é um conjunto de relações sociais, transferidas ao interior e tornadas funções da personalidade e formas da sua estrutura. Marx: sobre o humano [*tchelovek*] como ‘genus’, aqui – sobre o indivíduo” (Vigotski, 1929/1986, p. 54; 1929/2000, p. 27)

Como destacaremos na sequência, tal postulado é imprescindível, porém não suficiente para a teorização psicológica. Cujas tarefas reside ainda, e sobretudo, em estabelecer os processos pelos quais se dá, em diferentes momentos da vida humana, a referida “transposição”. Num primeiro momento concebida como que pelo “mesmo mecanismo” em movimento no plano das relações sociais com os outros e nas relações sociais de alguém consigo mesmo. Posteriormente, concebida como processo de transformação entre os dois planos pela mediação do signo – num paradigma instrumental, ainda semi-pavloviano. E, num terceiro momento, também concebida como processo de transformação – mas num paradigma de signo mais avançado. Com ênfase no “sentido e significado” da “palavra”, como signo humano por excelência. E no processo de “desenvolvimento do significado da palavra” como unidade para a compreensão/explicação do “desenvolvimento da consciência”, da personalidade, ou ainda, dito de passagem, da “personalidade consciente” – termos não equivalentes, mas integrados na teorização avançada de Vigotski.

---

<sup>3</sup> Em russo: “человек” [*tchelovek*] - substantivo masculino singular. Porém se refere ao ser humano, independente de gênero. “Ser humano do gênero masculino” se diz “мужчина” [*mujitchina*]. Assim, não venho mais traduzindo por “homem”, mas por “pessoa”, “ser humano”, ou apenas “humano”.

## 2.4 *A vida se organiza de modo distinto quando a consciência dela emerge.*

Tomamos até o momento a relação de determinação última e primeira da consciência pela vida, tomada como existência social. O que destaca o caráter primário da vida com relação à consciência como processo material emergente e secundário, emergente da vida. Porém, para o pensamento materialista dialético o que surge depois nem por isso tem menor importância. Quanto ao que cabe destacar que também para Marx, dessa vez em “O capital” de 1867 a capacidade humana de realizar um projeto mental, no plano da consciência portanto, é decisiva para a própria definição de nossa atividade de trabalho, a qual se orienta a finalidades. Senão, vejamos:

“Não se trata, aqui, das primeiras formas instintivas, animalescas [*tierartig*], do trabalho. Um incomensurável intervalo de tempo se- para o estágio em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho daquele em que o trabalho humano ainda não se desvincilhou de sua forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio conteúdo e pelo modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, {328:} quanto menos este último usufrui dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais.” (Marx, 1867/2013, p. 327-328 – colchetes na fonte)

Não temos como conferir a tradução com a fonte em língua alemã. Por certo, se a palavra for mesmo “arquiteto”, o exemplo terá sido infeliz e pequeno-burguês, visto que o mesmo não tem incumbência nem capacidade de executar seus próprios projetos, “alterando formas do elemento natural”. Mesmo assim, compreende-se a que o pensador alemão de fato se refere. E que podemos generalizar para nossa própria atividade como trabalhadores a quem tanto cabe planejar quanto executar. Com todos os limites sociais impostos a ambos os “momentos”, assim como aos processos intermediários que possibilitam sua efetividade concreta, isto é, “multideterminada”. Detenhamo-nos, contudo, na ênfase para o caráter teleológico (dirigido a fins) da atividade de trabalho. O trabalhador não se limita “a uma alteração da forma do elemento natural [como outros animais]; ele realiza nesta última, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. Essa subordinação não é um ato isolado” (Idem, supracitado – grifo e colchetes nossos).

Salvo engano, Marx está se referindo a processos conscientes, à prospecção da ação via projeto mental, e aos atos volitivos complexos que sua efetivação demanda. Sendo isso fundamental na superação histórica das “primeiras formas instintivas de trabalho”. Não por acaso, tal fragmento da obra prima de Marx é celebrizado em psicologia como epígrafe a texto de Vigotski intitulado “A consciência como problema para a psicologia do comportamento”. Publicado na URSS em 1925, em coletânea sob edição de Konstantin Kornílov, diretor do “Instituto Estatal de Psicologia Experimental de Moscou”, no qual o pesquisador bielorrusso veio a trabalhar desde 1924. Porém, nesse momento, vale ainda destacar uma releitura mais tardia do princípio marxiano, por parte do psicólogo soviético, para a temática em questão. Na qual destaca relação de imanência dos processos conscientes com relação à vida social. Assim como relação de reciprocidade contraditória no processo de determinação da vida social por ela mesma. Tal como se segue, a partir do texto “O problema do retardo mental” publicado, postumamente, em 1935:

“A dinâmica do pensamento não é reflexo especular das relações dinâmicas, dominantes na ação real [*real'noe deistvie*]. Se o pensamento nada mudasse com relação à ação dinâmica, seria completamente desnecessário. É claro que a vida determina a consciência. Esta surge da vida e constitui apenas um de seus

momentos. Mas, uma vez nascido, o próprio pensamento [também] determina a vida, ou melhor, a vida pensante [*misliash-haia jizn'*] determina a si mesma, mediante a consciência. Assim que apartássemos o pensamento da vida, da dinâmica e da necessidade, o privaríamos de toda eficácia [*deistvennost'*], interditaríamos para nós todos os caminhos para a descoberta e explicação das propriedades e da mais importante finalidade do pensamento: determinar a imagem [*obraz*] da vida e do comportamento, modificar nossas ações, dar a elas direção e libertá-las da subordinação à situação concreta”<sup>4</sup> (Vygotski 1935/1983, p. 252; Vygotski, 1935/1997, p. 296 – tradução, grifos e colchetes nossos).

### 3. Sobre as relações de determinação da consciência pela existência social — marco psicológico inicial.

Como foi comentado, podemos perceber diferentes momentos na teorização psicológica de Vygotski quanto à transição da existência social tal como se realiza nas relações entre diferentes pessoas e a existência social tal como se realiza nas relações de uma pessoa consigo mesma – que se constituem como definição fundamental de um processo psíquico consciente. Sendo o estudo desse movimento o tema geral de nosso grupo de estudos, aqui apenas serão mencionados alguns fragmentos de três modos qualitativamente distintos de tratar a mesma problemática científica. Cujas respostas não são tanto pressupostos da psicologia quanto sua missão histórica. Talvez, até os nossos dias, ainda não plenamente cumprida. Prossigamos.

---

<sup>4</sup> Nesse caso a situação é “concreta” não na acepção marxiana de ser “síntese de muitas determinações” – a qual retomaremos mais explicitamente no decorrer dos estudos – mas sim na de situação determinada pelo (restrita ao) campo sensorial imediato.



### 3.1 Ao menos desde 1924

Em uma primeira formulação de Vigotski ao tema da determinação da consciência pela existência social em psicologia, temos a elaboração que se segue. A *consciência* é vista como relação social da pessoa consigo mesma e pelo “mesmo mecanismo” que com relação aos demais – no modelo “reflexológico”. Em um dos três trabalhos apresentados por Vigotski em Petrogrado<sup>5</sup> em janeiro de 1924 no “II Congresso Pan-Russo (de toda Rússia) de Psiconeurologia”,<sup>6</sup> intitulado “Método de investigação reflexológico e psicológico”, encontramos essa noção de “mecanismo” idêntico. O que autor busca estabelecer que, no fato de o sistema de reflexos da consciência servir para refletir a influência de outros sistemas, reside

“a raiz da solução para o enigma do ‘eu’ alheio, do conhecimento [*poznanie*] da psique [*psikhika*] dos demais. O mecanismo [*mekanizm*] da consciência de alguém (autoconsciência [*samo-soznanie*]) e do conhecimento dos demais é um só e o mesmo: temos consciência de nós mesmos porque temos consciência dos demais e da mesma maneira [*sposob*], porque nós somos com relação a nós o mesmo que os demais são com relação a nós. Temos consciência de nós mesmos apenas na medida em que somos outros para nós mesmos, isto é, na medida em que nossos próprios reflexos podem novamente ser percebidos como estímulos. Entre eu poder repetir em voz alta uma palavra pronunciada mentalmente e poder repetir uma outra palavra dita, não há diferença alguma<sup>7</sup>: em ambos os casos se trata de um reflexo-excitante reversível” (Vigotski, 1924/1982, p. 52-53; Vygotski, 1924/1991, p. 12-13 – grifo na fonte, tradução e colchetes nossos)

---

<sup>5</sup> Cidade também antes chamada “São Petersburgo” (Cidade de São Pedro), nesse momento “Petrogrado” (“Cidade de Pedro”) em homenagem a algum dos tzares com tal nome, e ainda em 1924 renomeada como “Leningrado” (Cidade de Lenin) após a morte do líder e em sua homenagem. Após o fim da URSS voltou a chamar-se “São Petersburgo” [*Sainkt-Peterburg*].

<sup>6</sup> Depois publicado em coletânea editada por Kornílov.

<sup>7</sup> Tal enunciado materialista mecanicista em particular “Entre eu poder repetir em voz alta uma palavra pronunciada mentalmente e poder repetir uma outra palavra dita, não há diferença nenhuma” é severamente rechaçado pelas elaborações teóricas mais avançadas de cunho propriamente materialista dialético por parte do autor.

### 3.2 Ao menos desde 1928 e ainda em 1931

Em uma segunda formulação de Vigotski temos que a consciência é vista como relação social da pessoa consigo mesma pela “transformação” da relação com os demais em relação consigo mesma – no modelo “instrumental” das relações entre signo e funções psíquicas. Desde 1928 com a formulação mais clara da posteriormente chamada “teoria histórico-cultural”, assim como pelo que se pode constatar nas anotações de 1929, depois publicadas como “Psicologia concreta do humano”, um avanço qualitativo no trabalho científico de Vigotski pode ser notado. Com a explicitação de haver um processo de transformação na “transição” das relações sociais entre pessoas para as relações sociais da pessoa consigo. O que em 1931 se traduz mais claramente com a enunciação da chamada “Lei genética geral do desenvolvimento cultural”, também entendida como uma “lei fundamental da psicologia”. A qual está já presente nos trabalhos de Pierre Janet e é assumida por Vigotski no quadro de seu próprio referencial geral em (trans)formação. Na obra “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores”, datada de 1931, ela é enunciada tal como segue:

“Podemos formular a lei genética geral do desenvolvimento cultural do seguinte modo: toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena [*stsená*] duas vezes, em dois planos [*plani*]; primeiro no social, depois no psicológico, a princípio entre pessoas como categoria intersíquica, em seguida no interior da criança como categoria intrapsíquica. Isto se refere igualmente à atenção voluntária, à memória lógica, à formação de conceitos e ao desenvolvimento da vontade. Estamos no direito de considerar a posição [*polojenie*] expressa como lei. Mas, certamente, a transição [*perekhod*] do externo ao interno transforma [*transformiruet*] o próprio processo, modifica [*izmeniaet*] sua estrutura e funções. Antes de todas as funções superiores, de suas relações, situam-se geneticamente relações sociais, autênticas relações humanas. Donde decorre o princípio básico de nossa vontade seja o do princípio da divisão entre pessoas, divisão por dois, daquilo que agora se funde em uma, desdobramento experimental do processo psíquico superior no drama que tem lugar entre pessoas” (Vigotski, 1931/1983, p. 145; Vygotski, 1931/2000, p. 149)

### 3.3 Ao menos desde dez. 1932

Em uma terceira formulação de Vigotski, a consciência é vista como relação social da pessoa consigo mesma pela “transformação” da relação com os demais em relação consigo mesma – no modelo da “estruturação sistêmica e semântica” da consciência.

Em um simpósio interno em Moscou, em apresentação datada de 5 de dezembro de 1932, Vigotski expõe (e alguns de seus colegas mais próximos anotam) elaborações que apenas em 1968 seriam publicadas na URSS pela primeira vez, com o título “Problema da consciência”. Elaborações nas quais podemos visualizar alguns parâmetros teóricos que avançam do modelo de signo como “instrumento psicológico” ou “estímulo meio” para uma concepção qualitativamente distinta. Mais dirigida aos fatos, já conhecidos pelo autor, de que “o significado é próprio do signo” e de que “o significado tem desenvolvimento” – o que, noutro lugar, considera ser a “principal descoberta” das investigações de seu grupo (Vigotski, 1934; 2001; 2007). Aqui apresento alguns fragmentos das anotações para tal fala, tanto relativos ao conceito de signo, quanto ao de consciência, em cujo desenvolvimento o signo cumpre papel de permitir transformações relativas às suas “relações interfuncionais”:

“III Hipótese do interior, i.e., do ponto de vista do nosso trabalho. (Introdução). (A importância do signo; é seu sentido social [sotsial'nii smisl]). Em trabalhos antigos nós ignorávamos isso, que o significado [znatchenie] é inerente ao signo [znak]. <“Mas há tempo para juntar pedras e tempo para espalhá-las” (Eclesiastes) >. Nós partíamos do princípio da constância do significado, mantínhamos o significado entre parêntesis. Mas já na antiga investigação o problema do significado estava implícito. Se anteriormente nossa tarefa era mostrar o que há de comum entre um “pequeno nó”<sup>8</sup> e a memória lógica, agora nossa tarefa consiste em mostrar o que existe de diferente entre eles. De nosso trabalho decorre que o signo [znak] modifica relações

---

<sup>8</sup> Como está no diminutivo pode estar referindo-se aos pequenos nós que constituem o sistema mais complexo dos “quipos” – “cartas” não verbais e/ou sistemas de contagem utilizados entre os incas (ver, p.e., <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quipo>). Mas não se descarta estar se referindo ainda a algo mais rudimentar, como dar um “nó” em um lenço para ajudar no processo de recordação. Está se referindo ao modelo de abordagem ao signo como um “instrumento psicológico” ou “estímulo meio”.

interfuncionais.” (Vigotski, 1932/1968, p. 134 – todos os grifos tais como na fonte, colchetes nossos)<sup>9</sup>

Confrontação similar, própria à mudança de perspectiva quanto à relação signo/significado, pode ser encontrada em anotação do autor só recentemente publicada na Rússia – até então mantida apenas no arquivo de sua família:

“A necessidade [*neobkhodimost'*] de nova etapa na investigação não ad- veio do fato de que uma nova ideia veio à tona, porque uma nova ideia tornou-se interessante, mas novos fatos nos impeliram à necessidade de desenvolvimento da própria investigação, a buscar por explicações novas, mais complexas. O caráter limitado, convencional, estreito, do ponto de vista mais antigo conduziu a uma avaliação incorreta dos momentos centrais, os quais nós havíamos tomado como secundários: as conexões interfuncionais. Nós focamos nossa atenção sobre o signo (sobre o instrumento) para determinar o desenvolvimento das operações com ele, e o apresentamos como algo corriqueiro [*prostoi*] que passa por três estágios [*stupeni*]: o mágico, o externo e o interno. Mas o pequeno nó [*uzelok*]<sup>10</sup> é externo, e o diário de um adolescente é externo. Portanto, temos um mar de fatos pobremente explicados e uma aspiração por olhar de modo mais profundo para os fatos, i.e., por apreciá-los teoricamente de outra maneira.” (Vigotski, 1932/2017, 323; Vygotsky, 1932/ 2018, 274-275 – grifos na fonte, tradução e colchetes nossos)

A tais avaliações, de cunho metodológico, soma-se ainda a proposição, relativamente tardia, de tomar o “significado da palavra” como unidade de/para análise da unicidade da consciência. O que, consequentemente, reorienta a teorização psicológica sobre a gênese social da consciência e/ou da “personalidade consciente”. Sobretudo quanto à ênfase na “estruturação [*stroenie*] sistêmica e semântica [*smislovoe*]<sup>11</sup> da

---

<sup>9</sup> Para consultar a tradução espanhola do mesmo texto, veja-se Vygotski, 1932/1991, p. 121. Para a tradução ao português, feita a partir da versão espanhola, veja-se Vigotski, 1932/1996, p. 175-176.

<sup>10</sup> “Узелок м.р. 1) small knot; nodule научн. 2) (сверток) small parcel / bundle; packet” (АББYY, 2014/2019, página única).

<sup>11</sup> Há, ao menos, três adjetivos russos que podem ser traduzidos por “semântico”: “семантический” [*semanticheskii*]. “смысловой” [*smislovoi*], que também eventualmente se traduz como “dotado de sentido”; e “семический” [*semitcheskii*], que também se traduz por “sêmico”. De modo geral, em português, “semântico” significa “relativo ao significado”, ou seja, às estruturas

consciência”. A qual se destaca em diferentes trabalhos. Tanto em “O problema da consciência” (Vigotski, 1932/1968, p. 195), quanto em “Psicologia da esquizofrenia” (Vygotsky, 1933/1987, p. 75), e ainda em “A infância inicial” (Vigotski, 1933-34/1984, p. 363, 365, 366; Vygotski, 1933-34/2006, p. 362, 364, 366 p. 362). Dentre os quais, mencionamos fragmento do terceiro:

“A estruturação [*stroenie*] sistêmica da consciência pode, convencionalmente, ser denominada estruturação [*stroenie*] externa da consciência, enquanto a estruturação [*stroenie*] semântica, o caráter da generalização – sua estrutura [*struktura*]<sup>12</sup> interna. A generalização é um prisma no qual se refratam todas as funções da consciência. Ligando generalização com comunicação veremos que a primeira atua como função de toda consciência e não só do pensamento. Todos os atos da consciência são generalização, tal é a estrutura [*struktura*] microscópica da consciência. Ao modo de tese geral direi que a mudança do sistema de relações entre funções se encontra estreita e diretamente vinculado com o significado das palavras, com o fato de que o significado da palavra começa a mediar os processos psicológicos” (Vigotski, 1933-34/1984, p. 363; Vygotski, 1933-34/2006, p. 362)

---

de generalização da realidade mediante as palavras. O que, pode se contra- por ao “sintático” (relativo à sintaxe), ou seja, às estruturas de relação das palavras com outras palavras, mediante normas gramaticais próprias de dada língua. Culturalmente produzidas e aprendidas, mas cujas transformações mais radicais demandam, digamos, um processo histórico mais longo. Vigotski tem elaborações teóricas sobre a gramática. Mas aquelas reativas à semântica são bem mais destacadas. No momento, não é necessário diferenciar “semântico”, “dotado de sentido” e “sêmico” – talvez sequer seja diferenciação relevante. Mas caso venha a se tornar, a discussão fica para momento posterior.

<sup>12</sup> Para todos os efeitos, venho procurando traduzir “строение” [*stroenie*] por “estruturação”, em contraste com a palavra cognata “структура” [*struktura*], que venho traduzindo por “estrutura”. O ocorre que “stroenie” também pode ser traduzida por “construção”, e sobre tal palavra foi imposta uma aversão quase dogmática, desde a primeira década deste século em textos de grande circulação nacional. Porém “stroenie” também é “estrutura”, como “modo pelo qual algo é construído”, por exemplo. Vigotski ora usa um termo ora o outro. Porém aqui, vemos que há flutuação na própria fonte russa e o autor quase os toma como sinônimos. Para todos os efeitos, “estrutura” em Vigotski, em nenhum caso traz a marca de algo inato nem rigidamente estabelecido. Mas antes a acepção de um todo “estrutural-dinâmico” – termo composto do qual o autor se vale noutros contextos e retomo aqui. Para o momento, entretanto, o foco é para a complementariedade entre “estruturação sistêmica” (relações interfuncionais) e “estruturação semântica” (modos de produção de significados e sentidos).

## 4. Sobre as relações de determinação da consciência pela existência social — desdobramentos do marco psicológico.

### 4.1 *Um caminho ontogenético.*

Para definir um modo ontogenético<sup>13</sup> de abordar o tema do “desenvolvimento da consciência”, podemos destacar que Vigotski tem um critério para definir períodos de desenvolvimento distinto dos de outros estudiosos, o qual se denomina “dinâmica da idade”. Entendida a idade como “psicológica” não “cronológica”, embora determinados “anos de vida” designem alguns períodos. Mas o que constitui a “dinâmica da idade”? A rigor, trata-se de uma correlação de determinação entre a “situação social de desenvolvimento” ontogenética e a constituição de uma “neoformação principal” que se consolida ao final de dado período levando à negação da situação social que a gerou e à emergência de outra.<sup>14</sup> Mas podemos considerar que se articulam à “dinâmica da idade” ainda outras categorias importantes. As quais não estão apenas justapostas, mas sim integradas de modo contraditório, dinâmico.

Assim o que determina a singularidade de cada “idade psicológica”, de cada momento ontogenético do desenvolvimento da consciência (personalidade consciente), é a “situação social de desenvolvimento”. Tal elaboração, em momento avançado na história do trabalho de Vigotski, permite uma tradução psicológica mais potente para constatação filosófica inalienável de que “a existência social determina a consciência”. O que se acrescenta a tal constatação é que os modos de organização dinâmica da existência social são qualitativamente distintos em cada momento da ontogênese. Um exemplo bem claro é o dado para o “primeiro ano de vida”. Nele a situação social de desenvolvimento peculiar se constitui de dois aspectos fundamentais: (a) a máxima

---

<sup>13</sup> Aqui tomado como relativo ao desenvolvimento do ser humano durante todo transcurso de sua existência social, do nascimento à morte. Não apenas como relativo aos primeiros períodos de vida, como se a “origem” se esgotasse na infância e/ou adolescência e a partir de então o ser humano não se desenvolvesse mais – como supõem algumas interpretações para o termo “ontogênese”.

<sup>14</sup> Vigotski enuncia a chamada “lei fundamental da dinâmica das idades” de modo radicalmente dialético. Segundo dita lei “as forças que movem o desenvolvimento da criança em uma idade ou outra, acabam por negar e destruir a própria base do desenvolvimento de toda a idade, determinando, como necessidade interna, o fim da etapa dada do desenvolvimento e o passo à seguinte, ao período etário superior” (Vigotski, 1932-34/2006, p. 265).

dependência do bebê com relação a seu meio social; e (b) seu mínimo domínio de meios de comunicação para dizer de suas necessidades. Isso define a “situação social” não só no sentido de que a vida da criança se organiza em torno disso, mas também, e necessariamente, no de quem é responsável por atender suas necessidades se move em função de tal situação.

Com o curso das relações, no interior da referida situação desenvolvimento, a criança desenvolverá novas capacidades, produzidas socialmente. As quais a permitirão que passe a se relacionar de formas distintas com os demais, compondo outra “situação social de desenvolvimento”, inédita em sua vida até então. Mesmo de modo abreviado, posto que pode ser tema de estudo em grupo, cabe acrescentar que a “situação social de desenvolvimento” é fonte de “forças motrizes” – necessidades, impulsos, atrações, interesses, aspirações, afetos, emoções... As quais geram uma “orientação” peculiar para a organização dos sistemas de funções psíquicas, em dado momento do desenvolvimento de alguém. A tais categorias se articula, ainda, aquilo que o autor chamará de “neoformação principal” do momento ontogenético considerado, visto que “se forma” por necessidades que a situação social determina. Não coincidindo com tal neoformação, ainda se situa o que Vigotski chamará de “função psíquica principal” com relação a um mesmo período.

A “neoformação principal” de um período não está dada no início do mesmo. É a própria “situação social de desenvolvimento” que determina a necessidade e as condições para sua emergência e consolidação. O que se torna apropriado a uma concepção materialista dialética, no meu ponto de vista, visto que o principal é justamente “o que está por vir” e não “o que é pressuposto”, e que a negação não é vista como uma “falha”, mas como potência constitutiva. Quando se consolida a neoformação, desenvolvida ao longo de certo período, quando atinge sua “maior potência” e “maior eficácia”, a criança (a pessoa) passa a ter novas possibilidades de se relacionar com os demais. De tal modo que isso transforma/nega a situação social em que se insere e impõe a necessidade de surgimento de outra mais avançada. A qual, por sua vez, determinará o curso do desenvolvimento no período subsequente. Retomando, de modo geral e ainda por aprofundar no próprio estudo, temos diferentes categorias integradas que constituem e/ou se articulam à chamada “*dinâmica da idade*”, quais sejam:

- ❑ Situação social de desenvolvimento (ontogenética).
- ❑ Conjunto de forças motrizes (em luta) – determinado por dita “situação social de desenvolvimento”.
- ❑ Orientação - constituída por tais “forças motrizes”.
- ❑ Sistema de relações interfuncionais (entre as funções psíquicas), que se organiza por uma dada “orientação”.
- ❑ Função psíquica superior principal. – como um sistema de relações interfuncionais e articulação com outros sistemas.
- ❑ Neoformação principal – que tem seu papel na transformação das relações interfuncionais.

Para todos os fins, nenhuma “função psíquica superior”, cada qual constituída como “sistema psicológico”, está fora de um “sistema de relações interfuncionais” mais geral, ao qual também se vem a denominar “sistema da consciência”. Pois, pelo rigor do conceito, tal como apresentado por Vigotski e Luria em “O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança”, uma função superior em particular já é um sistema de relações interfuncionais. Definição que demanda tempo adicional para explorarmos de modo mais claro e consequente, mas não será o contrário disso. Seja como for, as categorias expostas acima não estão em ordem causal direta nem totalmente generalizável para todos os períodos ontogenéticos. Pela seguinte razão: o conceito de “neoformação principal” já se aplica antes mesmo que o de “função psíquica superior principal”. Visto que Vigotski fala de tais “neoformações” desde o transcurso do primeiro ano de vida, inclusive desde o nascimento, quando a vida psíquica individual é algo novo na vida do bebê ao sair da situação de quase simbiose na vida intrauterina. Enquanto a primeira “função psíquica superior” propriamente dita é vista como sendo a “percepção semântica” e/ou “dotada de sentido”. A qual se constitui, ela mesma, como um sistema de relações interfuncionais, como mencionei. No qual funções elementares se subordinam ao processo geral. Enquanto a fala, o recurso da criança à palavra significativa em relação com outras pessoas, tem papel fundamental nesse modo propriamente humano de perceber a realidade mediante categorias que a cultura produz e fornece.



Até o momento, pude identificar: a “percepção” com função psíquica superior principal para a “infância inicial” (1 e 1/2 a 3 anos, mais ou menos); a “memória” como tal função na “idade pré-escolar” (3 a 6 anos aproximadamente); e o “pensamento” assumindo esse papel na adolescência. Não estando, nos meus estudos até o momento, totalmente claro como se trataria, mediante tal categoria, o funcionamento psíquico na “idade escolar”. O que é uma questão em minha agenda de estudos atual – caso alguém já o identifique e possa me direcionar leituras, poderei já aprender com o grupo. Quanto às “neoformações principais” tenho um mapeamento geral mais detalhado, porém também ainda não completo. Não comentarei cada uma aqui, para não nos esgotarmos demais, mas posso enumerar:

- (1) “vida psíquica instintiva” para o período neonatal;
- (2) “proto-nós” para o primeiro ano;
- (3) “fala autônoma infantil” para a crise do primeiro ano;
- (4) “fala propriamente dita” para a infância inicial;
- (5) “...” não claro ainda para a crise dos três anos;
- (6) “imaginação” para a idade pré-escolar;
- (7) “estima de si” e “amor-próprio” para a crise dos sete anos;
- (8) “arbitrariedade” e “tomada de consciência” para a idade escolar; e
- (9) “autoconsciência”, possivelmente, para a adolescência.

Vigotski assume existirem neoformações próprias da idade adulta, mas justifica não tratar delas nos textos de “pedologia” por tal ciência ter a “criança” (e o adolescente) como objeto de estudo. São temas que demandam leituras de fontes diversas, e uma sistematização mais apurada – de modo a não perdermos de vista as demais elaborações teóricas em jogo. Gostaria de explicitar que as categorias gerais para a “dinâmica da idade”, tendo a determinação da consciência pela existência social como um princípio filosófico mantido, aplica-se a diferentes momentos

do desenvolvimento ontogenético. Tanto aos períodos críticos quanto aos estáveis, embora não do mesmo modo. Visto que haveria uma tendência de as neoformações surgidas em períodos críticos a serem “suprimidas” ou “desaparecer” – as da “crise dos sete anos” são uma importante exceção. Nos textos mais tardios de Vigotski, entre 1932 e 1934, a denominação dos períodos abordados é, de modo geral, a que se segue:

- Crise do nascimento.
- Período neonatal.
- Período do “primeiro ano”.
- Crise do “primeiro ano”.
- Infância inicial.
- Crise dos três anos.
- Idade pré-escolar.
- Crise dos sete anos.
- Idade escolar.
- Crise dos 13 anos.
- Adolescência ou “Idade de transição”:
  - Com suas fases “negativa” e “afirmativa”.
- Crise dos 17 anos.
- Idade adulta (?)

Entende-se que o desenvolvimento do “significado da palavra”, unidade para a unicidade da consciência, perpassa a periodização geral do desenvolvimento. Categorias ontogenéticas para o desenvolvimento do significado da palavra, como as sucessivas, mas não excludentes, estruturas tipificadas de generalização (síncreses, complexos, pseudoconceitos, e conceitos propriamente ditos), não podem existir fora do desenvolvimento geral da personalidade consciente – mesmo que os nexos causais não estejam ainda claros para nós. Sobretudo, podemos notar que, em cada momento da ontogênese tomado por objeto de estudo

detalhado pelo autor, é mantida a importância dada à linguagem no interior das situações sociais de desenvolvimento. Desde as primeiras “palavras-frase” da criança (“fala autônoma infantil”) até o modo conceitual do adolescente de valer-se das palavras para compreender a realidade, a natureza, a sociedade e seus próprios processos psíquicos (“pensamento teórico”). De modo que uma via para o estudo das relações de determinação entre “relações sociais” e “desenvolvimento da consciência” seja sistematizar tais contribuições sobre a ontogênese. As quais, via de regra, têm nos chegado apenas em forma de fragmentos dispersos pelas mais diversas obras, escritas em diferentes períodos históricos do trabalho do autor. Por vezes, com ênfase em categorias não tão simples de articular ou até mesmo inconciliáveis. Visto que algumas delas vem a ser objeto de autocritica e superação por parte do mesmo autor.

#### 4.2 Um caminho pela “análise funcional”

Também importante e produtivo para o campo da compreensão da dinâmica da consciência humana, é o caminho da chamada “análise funcional” das relações entre “fala interior” e “fala exterior”, por parte de Vigotski. Tal caminho é utilizado de modo muito rico no capítulo sétimo do livro “Pensamento e linguagem”<sup>15</sup> (Vigotski, 1934; 2001; 2007). Ali se colocará que a “fala interior” não é a reprodução “da fala exterior”, como assumiam behavioristas como Watson. Para quem a fala interior seria o mesmo que a exterior apenas sem a vocalização.<sup>16</sup> O autor bielorrusso, a partir de base lógica e empírica, contrapõe-se a isso buscando mostrar que, ao contrário, a fala interior é a antítese da fala exterior. E que se relacionam não “apesar de serem diferentes”, mas sim “porque são diferentes”. Na análise funcional dois critérios fundamentais de diferenciação se colocam:

---

<sup>15</sup> Também passível de traduzir-se por “Pensamento e fala” sobre o que podemos conversar adiante.

<sup>16</sup> É como assumia, a seu modo, o próprio Vigotski. Assim o vemos em suas elaborações apresentadas em 1924, em termos reflexológicos, nas páginas 9 e 10 deste texto.

- “sintático” – entendido pela “gramática psicológica” em contraposição à “gramática normativa” da língua; e
- “semântico” – que diz respeito às relações entre sentido e significado; à “aglutinação”; e ao “influxo de sentido”.

De modo muito abreviado posso comunicar que: (a) do ponto de vista sintático, na “fala exterior” predomina o “sujeito da gramática psicológica” sobre “predicado da gramática psicológica”, enquanto na “fala interior” se passa o oposto; e (b) do ponto de vista semântico, na “fala exterior” predomina o “significado sobre o sentido”, enquanto na fala e interior se passa o oposto. Por certo, nada se pode compreender e transformar a partir de uma formulação tão simples, tão “simétrica”, tal como pude expor até o momento. Porque cada categoria demanda definições próprias e exemplos adequados, constatáveis em situações experimentais e na vida real – para além dos laboratórios de psicologia. Além disso, “fala exterior” e “fala interior” exigem transformações recíprocas na transição de uma a outra. As quais não se dão de modo independente com relação a com quem falamos, com quem estamos em processo de interlocução...

Mesmo quanto à “fala interior” deve haver mudanças importantes em função de a quem viriam a se dirigir as elaborações que fazemos junto a nós mesmos. Seja pela memória do que conversamos com a alguém ou pela projeção na imaginação do que desejamos vir a conversar com alguém. Toda a situação social de intercurso verbal entre as pessoas tem suas próprias demandas. Em função das quais as relações de predominância entre sentido e significado, sujeito e predicado (da gramática psicológica) oscilam... Por tal complexidade, esta é uma via de estudos possível e, no meu ponto de vista, bastante produtiva para nossa prática social em educação e psicologia, desde que não a dissociemos da via ontogenética. Resta dizer que a possibilidade de abranger mais ou menos categorias teóricas e sistematizar sua articulação de modo mais profundo ou menos profundo está fundamentalmente em função do fator tempo... O qual já em Marx se coloca como imprescindível para o trabalho humano. E, portanto, não deixará de ser com relação ao trabalho de apropriação sistemática de conhecimento científico. Quanto a isso nos reportarmos adiante, ao tratar das questões organizativas para o grupo (coletivo) de estudos.

## 5. Explicitando algo da orientação teleológica dos estudos

Por “orientação teleológica” entendemos a orientação de nossos atos a determinadas finalidades (“*telos*”) que organizam, desde o início, nosso modo de efetivá-los, para que possamos atingi-las. Aspecto fundamental do trabalho humano exemplificado por Marx como diferença essencial da atividade do construtor com relação à atividade das abelhas, das aranhas, como mencionamos anteriormente. E, potencialmente, ausente de todos os demais animais que não o ser humano. Na Grécia arcaica se podia nomear, por exemplo, três modalidades de ação propriamente humana, as quais sabemos que se integram: “*poiésis*” (ação criadora); “*drama*” (ação de decidir frente a um dilema); e “*práxis*” (ação orientada a um fim). Sem tentarmos forçar equivalências, nossa atividade de estudo já é uma “*práxis*”. E quais são seus fins?

De maneira geral, entendemos que os fins do estudo são o retorno à nossa própria “*práxis*” social, notadamente como educadores e como psicólogos. Parte-se do princípio de que a melhor compreensão sobre a origem social da consciência (vista como o ser humano consciente) seja de interesse para nosso trabalho, em aliança com as pessoas com as quais atuamos. Reconhecendo a nós mesmos como capazes de também nos desenvolvermos em relação com estas mesmas pessoas e não como portadores de contribuição unilateral às mesmas. Assim, pode-se destacar que a atividade de estudos está voltada à nossa própria atividade profissional como sua orientação teleológica principal e regente. Tendo, para além seus próprios limites, a emancipação histórica da humanidade dos grilhões da expropriação como seu horizonte teleológico mais amplo e mais radical. O que, dito dessa maneira, mesmo sendo essencial, talvez ainda se coloque de modo muito geral, demandando acrescentarmos questões específicas para a avaliação coletiva. Proporei algumas a título de convite à discussão.

### 5.1 Quanto à prática social do educador...

Vigotski em 1926, já compreendia que a psicologia científica não deve se esforçar para extrair de seu corpo teórico as aplicações para as práticas sociais educacionais. Porque para a “nova psicologia” as

implicações para o ato pedagógico estão contidas “em seu próprio núcleo teórico, e a educação [*vospitanie*] é a primeira palavra que ela menciona” (ver Vigotski, 1926/1982, p. 177; Vygotski, 1926/1991, p. 144). Do ponto de vista da contribuição de Vigotski para o avanço histórico da psicologia como ciência, como poderíamos traduzir tal afirmação de que a educação está no seu “núcleo teórico”? Uma interpretação possível é a de que todo desenvolvimento do psiquismo propriamente humano, ou seja, da consciência, ou ainda “personalidade consciente”, é determinado por relações sociais. As quais a cada um de nós se fazem imprescindíveis, desde que nascemos e assim por toda nossa vida. De modo que é central, inalienável ao desenvolvimento humano, que passemos por processos educativos/educacionais. Tomados no sentido amplo do termo: o da apropriação das práticas técnicas e simbólicas próprias de nossa cultura, mediante alguém que, de algum modo e em alguma medida, já as domine e nos possam ensinar de modo a que dominemos também.

Por certo, isso não é única e exclusivamente atribuição do educador que assume tal papel social na instituição escolar, mas de todas as relações humanas nas quais somos educados e obtemos nossa formação, posicionando-nos de modo ativo em tal processo. Porém, nas sociedades industriais modernas, também não podemos tomar o papel da educação escolar com apenas “mais um entre outros momentos” das relações sociais determinantes do desenvolvimento humano. Posto que ela tem papel decisivo nas vidas de todos os integrantes em tais sociedades, nas quais a nossa se inclui. Tanto pela grande quantidade do tempo de nossa vida que transcorre no interior de instituições escolares. Quanto pela especificidade qualitativa das práticas culturais (técnicas e simbólicas) cujo domínio, em nossa sociedade, é prioritária ou exclusivamente proporcionado pela escolarização. Nesse sentido, as relações sociais próprias à educação escolar são determinantes imprescindíveis e decisivos do desenvolvimento da consciência e da personalidade humana.

De modo que supomos ser importante ao educador a reflexão crítica e o domínio científico quanto a como e por quais processos isso se dá. Tal como o desenvolvimento histórico da ciência até o momento nos permite saber. Pela mediação de como ele se nos apresenta em obras legadas a nós pela história. E em função de como a partir delas possamos avançar em discussão com nossos pares, no momento atual e com vistas ao futuro. Ainda que, evidentemente, não seja a psicologia a única

ciência que contribua nessa direção para com a tarefa do educador e para a luta social pelo pleno<sup>17</sup> cumprimento do papel social da escola.

### *5.2. Quanto à prática social do psicólogo...*

Quanto à prática social do psicólogo, claro está que as relações sociais contempladas pela educação escolar são fundamentais para a compreensão de como se dá o desenvolvimento de todo ser humano. Contudo, tanto pode o psicólogo inserir-se nos espaços que lhe caibam em políticas públicas para a educação escolar, em equipes pedagógicas que contemplem a especificidade de seu papel como “psicólogo escolar” e/ou “psicólogo educacional”, quanto pode atuar em outras frentes. Em equipes do “Sistema único de saúde”, do “Sistema único de assistência social”, entre outras modalidades de inserção profissional. Nas quais o conjunto das relações sociais determinantes do desenvolvimento da consciência e personalidade deva ser considerado como fonte para sua análise da realidade e sua participação ativa com relação às transformações possíveis de se promover coletivamente no interior da própria realidade.

Assim, de certo modo, continua “no núcleo” da teorização o processo educativo. Mas ao psicólogo caberá voltar seus recursos conceituais e técnicos a um conjunto de relações sociais um tanto mais amplo do que aquele próprio à função social da educação escolar. Mesmo que não tenha o alcance de intervenção em mesma proporção e intensidade para com todas as relações que constituem tal conjunto: familiares, amorosas, educativas, jurídicas, laborais, artísticas, esportivas, relativas ao lazer, ao ócio, entre outras... De toda maneira, supõe-se, até com maior tranquilidade que para com o “exercício do papel social de educador”, que o “exercício do papel social de psicólogo” exija determinado domínio de alguma ciência psicológica.

---

<sup>17</sup> De fato, a plenitude de tal cumprimento transcende a problemática do domínio de contribuições científicas. Pois se amplia para o campo das lutas sociais no confronto com o modo de produção vigente. Mas este será apenas um “grupo de estudos”. E os espaços dos sindicatos, movimentos sociais, partidos e demais formas de luta pela emancipação humana já devem estar sendo ocupados pelos integrantes do grupo, conforme as condições materiais lhes permitam. Por isso nos reservamos a destacar apenas o aspecto da formação científica. Mas reconhecemos todos os limites da mesma. E o exercício “pleno” de nossa função, assim como das instituições em que nos inserimos, certamente, é mais uma meta histórica do que uma realidade dada.

Mesmo que nossos estudos não possam garantir aos participantes toda dimensão técnica necessária à atuação, o que depende que normatização institucional aqui não contemplada, desde o início os estudos possuem uma clara orientação teleológica à prática social do psicólogo de modo geral. Porque, a rigor, não pode haver prática social do psicólogo sem ciência psicológica que a fundamente e oriente. Mas tais conexões, sem jamais expor casos sob regra de sigilo, poderão ser amadurecidas ao longo dos estudos. Desde já, contudo, fica claro que a psicologia histórico-cultural é uma vertente que não se dirige exclusivamente à “psicologia escolar”, “psicologia educacional” ou, como dizem alguns autores russos, à “psicologia pedagógica”. Mas sim à gênese social da consciência, do psiquismo propriamente humano, de modo mais amplo. O que permite diversos campos de atuação profissional.

Não havendo, portanto, qualquer constrangimento às aspirações dos interessados nesses estudos como fonte de conceitos para mediar sua reflexão crítica sobre: “saúde coletiva” em geral; “saúde mental” no contexto da mesma; atuação em “políticas públicas de assistência social”; inserção em “movimentos sociais”; “organizações não governamentais”; “organizações insurgentes clandestinas”; e assim por diante. O que, assim como no caso dos educadores brasileiros compromissados com transformação social radical, envolve uma tensão e um engajamento em lutas que extrapolam o domínio estritamente “científico”. Em que se pese que sem tal domínio, a especificidade de nossa contribuição também se aparta do processo geral de luta por transformação revolucionária da realidade.

Por Achilles Delari Junior,

Responsável pela organização do 1º encontro do Grupo de Estudos. Em Umuarama-PR, 29-30 de junho de 2020.



## 6 Referências

- ABBYY (2014/2019) The Universal English-Russian Dictionary. 100.000 entries. In: \_\_\_\_\_. **Lingvo European Electronic Dictionary**. Version 1.11.1. Russia.
- Marx, K.; Engels, F. (1845-46/2007) *A ideologia alemã*. São Paulo: Boi-tempo. 614 p.
- Marx, K. H. (1845/1985) Teses contra Feuerbach. In: \_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. (Os pensadores) 3. ed. São Paulo: Abril Cultural. p. 51-53.
- Marx, K. H. (1867/2013) **O capital**. Crítica da economia política. Livro I. O processo de produção do capital. Edição eletrônica. São Paulo: Boi-tempo. 1493 p.
- Vigotski, L. S. (1924/1982) Metodika refleksiologičeskogo i psikhologičeskogo issledovaniia. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotčinenii v shesti tomakh**. Tom pervii. Voprosi teorii i istorii psikhologii. Moskva: Pedagoguika. p. 43-62.
- Vigotski, L. S. (1925/1982) Soznanie kak problema psikhologii povedeniia. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotčinenii v shesti tomakh**. Tom pervii. Voprosi teorii i istorii psikhologii. Moskva: Pedagoguika. p. 78-98.
- Vigotski, L. S. (1926/1982) Predslovie k russkomu perevodu knigui E. Tornaika "Printsipi obučeniia, osnovannie na psikhologii". In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotčinenii v shesti tomakh**. Tom pervii. Voprosi teorii i istorii psikhologii. Moskva: Pedagoguika. p. 176-195.
- Vigotski, L. S. (1929/1986) [Konkretnaia psikhologuia tcheloveka]. In: **Psikhologuia**. Vestn. Mosk. Un-ta. Ser. 14. N. 1. p. 51-65.
- Vigotski, L. S. (1929/2000) Manuscrito de 1929 [Psicologia Concreta do Homem]. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, no 71, Julho. p. 21-44.
- Vigotski, L. S. (1931/1983) Glava piataia. Guenezis visshikh psikhicheskikh funktsii. In: **Sobranie sotčinenii v shesti tomakh**. Tom tretii. Problemi razvitiia psikhiki. Moskva: Pedagoguika. p. 133-163.

- Vigotski, L. S. (1932/1968) Problema soznaniia. In: Leontiev, A. A.; Riabova, T. V. (eds.) **Psikhologuiia grammatiki**. Moskva: Izdatel'stvo Moskovskogo Universiteta. p. 182-196.
- Vigotski, L. S. (1932/2017) [Simpozium 4 dekabria 1932 g.] In: \_\_\_\_\_. **Zapisnie knijki L. S. Vigotskogo**: izbrannoe. Moskva: Kanon+. p. 322-328.
- Vigotski, L. S. (1933-34) Rannee detstvo. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchinenii v shesti tomakh**. Tom tchetviortii. Detskaia psikhologuiia. Moskva: Pedagoguika, 1933-34/1984. p. 340- 367.
- Vigotski, L. S. (1932/1996) O problema da consciência. In: \_\_\_\_\_. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. p. 171-189.
- Vigotski, L. S. (1934). **Mishlenie i retch'**. Psikhologuitcheskie issledovaniia. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Sotsial'no-Ekonomitcheskoe Izdatel'stvo, 1934b. 324 p.
- Vigotski, L. S. (1934/2001) **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 496 p.
- Vigotski, L. S. (1934/2007) **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue. 522 p.
- Vigotski, L. S. (1935/1983) Problema umstvennoi otstalosti. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchinenii v shesti tomakh**. Tom piatii. Osnovi defektologuii. Moskva: Pedagoguika. p. 231-256.
- Vygotski, L. S. (1924/1991) Los métodos del investigación reflexológicos y psicológicos. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo I. Vías de desarrollo del conocimiento psicológico. Madrid: Visor; Ministerio de Educación y Ciencia. p. 03-22.
- Vygotski, L. S. (1925/1991) La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. In: **Obras escogidas**. Tomo I. Vías de desarrollo del conocimiento psicológico. Madrid: Visor; Ministerio de Educación y Ciencia. p. 39-59.
- Vygotski, L. S. (1926/1991). Principios de enseñanza basados en la psicología. Prólogo a la versión rusa del libro de E. Thorndike. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo I. Vías de desarrollo del conocimiento psicológico. Madrid: Visor; Ministerio de Educación y Ciencia. p. 143-162.

- Vygotski, L. S. (1931/2000) Capítulo 5. Génesis de las funciones psíquicas superiores. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo III. Problemas del desarrollo de la psique. 2. ed. Madrid: Visor. p. 139-168.
- Vygotski, L. S. (1932/1991) El problema de la conciencia. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo I. Vías de desarrollo del conocimiento psicológico. Madrid: Visor; Ministerio de Educación y Ciencia. p. 119-131.
- Vygotski, L. S. (1933-34/2006) La infancia temprana. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicología infantil. 2. ed. Madrid: Machado Libros. p. 341-366.
- Vygotski, L. S. (1935/1997) El problema del retraso mental. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo V. Fundamentos de defectología. Madrid: Visor. p. 249-273.
- Vygotsky, L. S. (1932/2018) [The symposium of December 4, 1932]. In: \_\_\_\_\_. **Vygotsky's notebooks: a selection**. Singapore: Springer, 1931- 33/2018, p. 274-278.
- Vygotsky, L. S. (1933/1987) The psychology of schizophrenia. In: **Soviet Psychology**. p. 72-77.

\* \* \*